

# O PSICÓLOGO ESCOLAR: DA DEPRESSÃO À SAÚDE MENTAL E À CIDADANIA DA CRIANÇA

*Carlos Marcelo Cavalheiro Félix\**

**RESUMO:** O presente artigo se debruça sobre a temática da Psicologia e a Educação. O recorte do tema reflete a necessidade da ação da psicologia no ambiente escolar. O estudo constitui uma breve análise quanto aos enfrentamentos à saúde mental dos estudantes na etapa da infância. De cunho qualitativo e de natureza básica, este é excerto de pesquisa bibliográfica, utilizando-se de referências que conversam com a temática abordada. Busca-se entender: De que modo o psicólogo escolar pode auxiliar as crianças que se encontram em depressão? Como identificar a depressão infantil no contexto escolar? Nesse sentido, busca-se compreender as ações do psicólogo escolar em confronto com os problemas da depressão infantil. Do estudo, foi possível perceber que: existe a depressão infantil e essa forma as lacunas nas aprendizagens das crianças; torna-se evidente a necessidade de manter o diálogo entre a escola e a família buscando sanar os efeitos da depressão infantil; a presença e a ação do psicólogo escolar, no ambiente da Educação, poderá constituir uma medida preventiva que promova uma infância sadia e mais cidadã; o psicólogo escolar nos processos de intervenção precisa ressaltar a reflexão crítica, democrática e humanizadora dos sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Depressão Infantil. Psicólogo Escolar. Humanização. Direitos Humanos.

## THE SCHOOL PSYCHOLOGIST: FROM DEPRESSION TO MENTAL HEALTH AND CHILD CITIZENSHIP

**ABSTRACT:** This article focuses on the issue of Psychology and Education. The focus of the topic reflects the need for psychology to act in the school environment. The study constitutes a brief analysis regarding the confrontations with the mental health of students in the childhood stage. Of a qualitative nature and of a basic nature, it is an excerpt from a bibliographical research, using references that speak to the addressed issue. It seeks to understand: How can the school psychologist help children who are depressed? How to identify childhood depression in the school context? In this sense, we seek to understand the actions of the school psychologist, in confrontation with the problems of childhood depression. From the study it was possible to notice that: there is childhood depression and it forms gaps in children's learning; the need to maintain a dialogue between the school and the family, seeking to remedy the effects of childhood depression, becomes evident; the presence and action of the school psychologist, in the Educational environment, could constitute a preventive measure that promotes a healthy childhood and more citizenship; the school psychologist in the intervention processes needs to emphasize the critical, democratic and humanizing reflection of the subjects.

**KEYWORDS:** Education. Childhood Depression. School Psychologist. Humanization. Human rights.

---

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul / UERGS - Litoral Norte. Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade São Luis. Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Pelotas/ UFPel. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Dom Bosco?IEB. Membro Associado da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH). E-mail: [marcelofelix35@gmail.com](mailto:marcelofelix35@gmail.com) / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2806-9726>

## Introdução

Ao refletirmos sobre a função primordial da educação no Brasil, torna-se necessário trazer para a pauta o cuidado e a atenção que se deva postular nas diferentes etapas da formação empírica e humana de cada aluno. A escola se constitui um espaço em que se dá a aquisição do conhecimento, mas também as formas de maturar os aspectos da afetividade para a formação integral do estudante na sua individualidade e coletividade.

Na atualidade, no ambiente escolar, busca-se trabalhar a autonomia do aluno. Torna-se relevante que o estudante não se torne um mero receptor do conhecimento (PIAGET, 2002), mas que este seja capaz de apreender o conhecimento interagindo com o meio em que vive. Essas ações se traduzem nos movimentos de aproximação e empatia com a realidade de cada criança integrante da escola. Torna-se necessário um olhar mais intenso que supere apenas o contexto ensino-aprendizagem escolar. A criança precisa ser vista em seu todo, significando seus avanços escolares implicados intrinsecamente em sua trajetória de vida.

Sendo assim, o trabalho da psicologia e de seus profissionais torna-se necessário para que não se dê apenas o desenvolvimento do ensino curricular, mas também seja contemplada a dimensão da formação integral e plena do cidadão para sua ação transformadora na sociedade. A presença do psicólogo e o seu trabalho precisam estar em conexão com as ações pedagógicas envolvendo, de modo especial e principalmente, aqueles alunos que não apresentam êxito em suas aprendizagens cotidianas, resultantes de problemas como quadros depressivos e de ansiedade.

Nesse sentido, o estudo se constitui uma breve revisão bibliográfica que tenciona o olhar do psicólogo escolar quanto aos aspectos da saúde mental dos alunos. De cunho qualitativo, de natureza básica, tem como referência autores que conversam com a temática abordada. Segundo Fonseca (2002, p.32), a pesquisa “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Para Fonseca (Ibidem), “qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”.

O pesquisador utilizou-se dessa metodologia executando a coleta de dados em referenciais bibliográficos com base em diferentes repositórios institucionais de universidades brasileiras, bem como ampliou o estudo buscando na base *Scientific Electronic Library Online – SciELO*, e em site como *Google Acadêmico* - artigos científicos, monografias e livros, que corroborassem com a discussão do tema. Nesse sentido, destacam-se os descritores: Educação, Depressão, Ansiedade, Psicologia nas escolas.

Verifica-se que a abordagem da temática sobre a Psicologia Escolar e a Educação torna-se de grande relevância visto que em seu recorte de tema discute a importância dos profissionais de psicologia nas escolas, tendo como percurso uma análise frente aos problemas psicológicos e educacionais dos estudantes na etapa da infância. Sendo assim, alguns questionamentos permearam a discussão, tais como:

De que modo a psicologia nas escolas pode auxiliar as crianças que apresentam depressão? Em que os psicólogos podem colaborar quando se percebe os sintomas de depressão nas crianças? Como a depressão infantil pode ser percebida no cotidiano da escola e da sala de aula? Qual é o papel dos psicólogos na escola? Quais mecanismos podem ser desenvolvidos para que a depressão não seja impedimento para o desenvolvimento integral e pleno das crianças?

A partir desses questionamentos o objetivo geral do estudo consiste em compreender as ações do psicólogo escolar em confronto com os problemas da depressão infantil visando a saúde mental e cidadã da criança. Os objetivos específicos buscam: a) descrever e contextualizar a depressão; b) analisar os efeitos dos impactos da depressão no desenvolvimento das aprendizagens escolares; d) apontar caminhos que reflitam os percursos de superação da depressão infantil no ambiente escolar.

O trabalho foi desenvolvido para responder aos questionamentos vislumbrados pelo pesquisador e para atender os objetivos traçados. Nesse sentido, o texto estabelece os fundamentos para que se possa dar continuidade à reflexão sobre a ação frutuosa dos psicólogos junto aos ambientes escolares, garantindo experiências saudáveis tanto no desenvolvimento das aprendizagens quanto da formação plena para a cidadania dos alunos.

Em sua planificação, o trabalho apresenta-se da seguinte forma: em um primeiro momento, buscou refletir a Psicologia a sua adesão ao ambiente escolar; em um segundo momento, contextualizou os aspectos da depressão; em um terceiro momento, apresentou o conceito e como se poderá perceber a depressão na infância; em um quarto momento, refletiu os efeitos da depressão infantil nas aprendizagens escolares; em quinto momento, discutiu as ações da Psicologia escolar frente às realidades escolares.

### **O surgimento da Psicologia e a sua adesão ao ambiente escolar**

A Psicologia, como instrumento de trabalho no ambiente da Educação, situa-se a partir do século XIX, quando do acontecimento dos processos de industrialização na sociedade. É nessa “seara” que os psicólogos começam a atuar no ambiente da Educação. Estes trabalham tendo como perspectiva as novas aptidões e os novos traços de personalidade que são exigidos como eficiência no trabalho. Isso implicado nas mudanças dos processos de produção que ocorrem na indústria moderna.

Para Leite (2022), o marco inicial do trabalho psicológico, no ambiente escolar, firma-se, precisamente, com a criação do laboratório de psicometria de Galton, que se dedica aos estudos da questão das diferenças individuais e do desenvolvimento da inteligência e da personalidade (LEITE, 2022). A partir do século XX, o autor diz que, com base nos testes desenvolvidos por Binet e Simon, as crianças em idade escolar passaram a ser testadas por solicitação do governo da França, que buscava identificar aquelas com necessidades especiais e com problemas psicológicos.

Segundo Leite (2022, p. 12),

foi assim, portanto, que a Psicologia Escolar nasceu: de mãos dadas com a psicometria, desenvolvendo um conjunto de atividades em que se destacam a avaliação da prontidão, organização dos alunos em classes, diagnóstico e acompanhamento de crianças com problemas de aprendizagem. Porém, subjacentes a essas práticas, identifica-se a verdadeira finalidade do trabalho: adaptação do aluno à escola que, por princípio, é assumida como adequada.

Nessa visão de trabalho, os psicólogos adentram o ambiente escolar buscando resultados que adequassem os alunos aos padrões dos bancos de ensino. Em perspectiva de classificação, os profissionais da Psicologia eram direcionados às escolas para categorizar e distribuir as crianças a partir de suas classes sociais. Os testes alinhados à psicometria avaliavam a sua prontidão, organizavam por classes, diagnosticavam e promoviam o acompanhamento das crianças com dificuldades de aprendizagem.

Leite (2022) afirma que o modelo médico, considerado um arquétipo tradicional da prática psicológica, é ainda muito utilizado pelos consultórios de alguns psicólogos brasileiros. Esse modelo, voltado para as patologias está intimamente ligado à ideia do comportamento, o que vai “em termos remediativos, buscando, prioritariamente no indivíduo, as causas dos chamados problemas psicológicos” (LEITE, 2022, p.12). O sucesso deste modelo se deve ao ideal liberal ligado ao sistema capitalista de produção que se traduz no individualismo, ou seja, alguns apresentam melhores condições do que outros, tanto nas aprendizagens como no desenvolvimento, sendo esse um processo natural.

Esse modelo tornou-se bastante criticado no ambiente de trabalho psicológico levando a Psicologia Escolar ao entendimento de que nem tudo poderá ser entendido apenas pelo viés de fatores intrínsecos à criança. As aprendizagens podem ser valoradas por mecanismos que reflitam o ambiente social e cultural da criança. Nesse sentido, conforme Leite (2022), torna-se necessário reconhecer que parte dos processos que se apresentam como eixos de dificuldades nas aprendizagens das crianças estão ligados à questão de organização, práticas pedagógicas inadequadas, marginalização social, currículos mal aplicados, problemas de relacionamento entre professor e aluno, falta de recursos, burocracia exagerada, entre outros.

Diante do repertório de situações que se apresentam no cotidiano escolar, caberá ao papel do Psicólogo o engajamento necessário junto aos demais profissionais da área para que se cumpra, dentro dos muros da escola, a função que lhe é devida. Torna-se relevante a problematização do trabalho para a formação de cidadãos que se comprometam com o seu próprio desenvolvimento cognitivo, emocional e social, e que este seja humanizado e solidário. Nesse sentido, a presença dos psicólogos dentro da escola será de extrema importância para os profissionais da Educação no que tange ao seu preparo e habilidades para o desenvolvimento das ações adequadas junto aos alunos (ELIAS; VERAS, 2008). Segundo Leite (2022), todo esse envolvimento dos psicólogos nos ambientes educacionais deverá alavancar os processos de democratização da escola quanto à socialização dos saberes psicológicos, possibilitando o acesso ao conhecimento sistematizado e à capacitação crítica que gera a transformação do ambiente.

Moreno e Loureto (2018) entendem que, em determinado momento, buscou-se identificar a diferença entre a Psicologia Escolar e a Psicologia Educacional. Nesse contexto, identificou-se a Psicologia Escolar atrelada à prática profissional do psicólogo em si e à Psicologia Educacional totalmente implicada nas práticas de pesquisas. Para os autores, essa dissolução não pode existir pois uma necessita da outra e suas ações são complementares.

Vislumbrando a necessária presença dos psicólogos nas escolas, Moreno e Loureto (2018) constata a total inexistência desses profissionais e as suas contribuições para qualificar os espaços escolares e as suas práticas pedagógicas. Mesmo diante do esforço das Secretarias de Educação em manter a presença desses profissionais em suas redes, percebe-se a falta destes no foco que merece total atenção: a escola.

Para Moreno e Loureto (2018, p. 558), “[...] Em termos práticos, a inserção do PE na rede pública de ensino no Brasil constitui ainda uma utopia em função da quantidade de profissionais lotados nas secretarias de educação, bem como pelas suas condições de inserção e atuação efetivas na área”. Esse ambiente utópico do necessário desejo da atuação de profissionais psicólogos, que possam se ocupar das demandas ligadas aos problemas comportamentais e disciplinares, como também ao crescente avanço do número de crianças e adolescentes afetados pelo transtorno de depressão ou mesmo ansiedade, gera reflexão potente que defenda esse trabalho urgentemente. A escola é parte da sociedade, ou seja, a sociedade é formada por indivíduos que a compõem. Isso significa que dentro do ambiente escolar estão as urgências sociais e essas merecem o devido e adequado atendimento.

Veronese e Machado (2022) corroboram com os demais autores quanto à necessária presença de profissionais da Psicologia dentro dos muros da escola, mas também compreendem que em muitos discursos esses entendimentos ficam atrelados à intenção de atendimentos que se remetam a comportamentos, indisciplinas e dificuldades nos processos de escolarização. Para as autoras, esse entendimento configura-se ao que os professores não conseguem dar conta. Sendo assim, em várias ocasiões, esses pedidos procedem dos professores, principalmente, no que se refere aos conflitos existentes dentro da sala de aula.

Para Veronese e Machado (2022, p. 2):

O aparato técnico da Psicologia entra no jogo da análise de questões e problemas escolares para esclarecer, iluminar as questões, as causas, as soluções e desvendar determinados segredos que impedem um certo ideal de desenvolvimento do alunado, deslocando as análises para os ares enigmáticos da subjetividade e dos problemas psicológicos.

Todo o entendimento quanto às práticas educacionais vinculadas à mediação dos psicólogos escolares se dá a partir de ações que colaborem para a efetivação das aprendizagens. Para Veronese e Machado (2022), a vinculação dos profissionais da Educação aos profissionais da Psicologia poderá

engrandecer tais práticas pedagógicas alavancando as experiências de ensino e a aprendizagem que se constituem em sala de aula.

### Depressão: sua contextualização

O termo depressão, do latim *deprimere*, que significa ‘pressão baixa’, começa a ser estudado a partir do século XVIII no contexto do ‘temperamento melancólico’; mas somente no século XIX ganha a devida notoriedade quando passa a ser usado pelos médicos psicopatologistas. No século XX, com os estudos mais avançados a respeito desse transtorno, foi possível estabelecer as dicotomias: depressão hereditária/psicogênica; autônoma/reativa, psicótica/neurótica, primária/secundária. Nos anos seguintes, à medida das reflexões e discussões sobre estas dicotomias, alguns teóricos processam o entendimento sobre a depressão definindo-a apenas como um dos sintomas da psicopatologia (RODRIGUES, 2000).

Entende-se, no entanto, que o termo designa um estado de desânimo ou perda de interesse pela vida. Esse entendimento fez declinar as compreensões mágicas e supersticiosas de que a depressão nada mais era do que um transtorno mental. O que se percebe, no contexto atual, é que a depressão se constitui uma doença em que os estímulos são motivados por sentimentos depreciativos e negativos quanto a experiência da vida agindo diretamente na psique humana. Disso, resulta que, por vezes, as relações humanas são interrompidas ou se fazem menos prazerosas no que se refere as trocas e as convivências.

Disso resulta que a depressão é uma das doenças em constante ascendência no mundo inteiro e perpassa a existência humana percorrendo todas as suas etapas (RODRIGUES, 2000). Nota-se que esta ascendência da doença atinge, de modo peculiar e, em grande escala, a infância e a adolescência. Esse ambiente das síndromes depressivas vem sendo acompanhada pelos serviços de saúde pública que reconhecem a prioridade em fazer os alertas para o cuidado e a atenção que as famílias precisam ter para com os sintomas.

Rufino *et al.* (2018, p. 840) entende que

[...] a depressão se caracterize como um transtorno de humor, existem quatro conjuntos de sintomas comuns. Além dos sintomas emocionais (tristeza, perda de prazer) existem sintomas cognitivos (visão negativa de si mesmo, desesperança, enfraquecimento da concentração e memória), motivacionais (passividade, falta de iniciativa e de persistência) e físicos (mudança do apetite e sono, fadiga, aumento de dores e mal-estar nas atividades).

A ideia de caracterização desse transtorno de humor que se configura nos sintomas como emoções, cognição, motivação e físico, no entendimento de Rufino, Leite, Freschi, Venturelli, Oliveira e Filho (2018), poderá sinalizar os conflitos que perpassam a existência humana. Esses sintomas que referendam o estado depressivo podem ser acompanhados e, posteriormente tratados, por profissionais qualificados para a ação.

Para Rufino *et al.* (2018), esse ambiente que testifica o transtorno permite entender que os sentimentos de tristeza e abatimento refletem a fragilidade e a debilidade que dificulta a qualidade de vida daqueles que sofrem de depressão. Sua cognição e o seu estado físico demonstram a necessidade de acompanhamento, pois, na maioria das vezes, as pessoas com depressão perdem o gosto pela vida tanto interna como externamente. Deixam de apreciar sua existência tendo como características a depreciação de suas convivências, dos sentimentos e das emoções chegando ao adoecimento físico.

Segundo Rufino *et al.* (2018), os quadros depressivos precisam ser acompanhados de maneira diferenciada. Os casos podem ser identificados como uma disfunção bioquímica cerebral, apresentados por fatores genéticos e hereditários. Esses casos, na sua maioria, podem receber tratamentos farmacoterápicos, que, em certas circunstâncias podem ser associadas a tratamentos de psicoterapia. Há evidências de que as atividades físicas corroboram para os tratamentos assim como o uso de medicações.

Sendo considerada uma doença grave, a depressão precisa ser diagnosticada e acompanhada por tratamentos corretos, seguindo a particularidade de cada situação. Caso não aconteça, poderá gerar doenças clínicas que, por vezes, incidem em tentativas suicidas (RUFINO *et al.* 2018).

Para Feitosa, Bohry e Machado (2011), os sintomas da depressão podem ser percebidos por meio de variáveis quanto ao aspecto mental ou mesmo corporal. As percepções das motivações depressivas também acontecem quando se verificam as constantes trocas de humor, podendo prolongar-se por um curto, médio ou longo prazo. Para os autores, no período da pesquisa, ficou o entendimento de que a depressão seria a grande doença do século, superando até mesmo o câncer e outras doenças como as cardíacas. Como consequência, soma-se os gastos financeiros e sociais com os tratamentos.

Segundo Feitosa, Bohry e Machado (2021), o CID-10 descreve o portador de depressão como alguém com baixa autoestima, ocorrendo a partir do contexto social e psicológico. Dentre os procedimentos estão o biológico, o genético e o psicossocial. Constatada a depressão e feito o diagnóstico indicando um desses procedimentos, torna-se possível a realização do tratamento mais adequado.

Conforme a indicação do CID-10, os quatro tipos de depressão podem ser classificados em: Episódio Depressivo Leve, Episódio Depressivo Moderado e Episódio Depressivo Grave. Feitosa, Bory e Machado (2021) entendem a necessidade de que os profissionais da saúde estejam atentos a esses quadros depressivos para que possam auxiliar e providenciar os encaminhamentos necessários para o tratamento. Para as autoras, as famílias em geral precisarão ser instruídas quanto aos sintomas da depressão, pois assim poderão identificar com mais eficiência o quadro depressivo e contribuir com os profissionais da saúde quanto ao acompanhamento e estímulo ao tratamento indicado.

Ferreira, Gonçalves e Mendes (2014) compreendem a depressão pelo viés psiquiátrico. Para os autores, a Psiquiatria também se dedica ao trabalho com os transtornos causados pela depressão e, nesse sentido, seu olhar direciona-se à psique humana. Sem dúvida alguma, a Psiquiatria a vê como um transtorno que poderá se manifestar com determinada duração, frequência e intensidade.

Confrontando a área da Psiquiatria, Ferreira, Gonçalves e Mendes (2014) apresentam a Psicanálise que entende a depressão não caracterizada como estrutura psíquica, mas “como um estado próprio à constituição do aparelho psíquico que caracteriza o humano e pode se manifestar em qualquer estrutura” (p. 5). Segundo os autores, a depressão poderá se manifestar em consequência de algum problema frente à questão inibitória, ou seja, o sujeito precisará lidar com as adversidades quanto a castrações no que se refere à sua própria libido.

Segundo Ferreira, Gonçalves e Mendes (2014), no que tange aos aspectos da depressão, a Psiquiatria poderá entender os sintomas como anormais, bem como a Psicanálise poderá percebê-la como algo que está intrínseco ao humano. Isso pode adequar-se ao transtorno da depressão. Sendo assim, a psicanálise entende a depressão como inerente ao sujeito e transita pela a ideia de que cada caso precisa ser visto e analisado individualmente.

Diante dessa contextualização do termo depressão e os diversos olhares e perspectivas conceituais lançadas sobre ele, torna-se necessário pensar a necessidade de efetivação de um trabalho que dignifique os sujeitos com sintomas depressivos. A eficiência do trabalho depende de bons profissionais.

### **O que é e como perceber a depressão na infância?**

Partindo da concepção de que o ser humano se revela um ser inacabado, entende-se a necessidade de pensar a vida como um construto de possibilidades que, por vezes, é interrompido pela manifestação de doenças psíquicas. A depressão, em seu contexto atual, é vista como a epidemia do século, devido às diversas situações que são impostas pelas realidades sociais. A sociedade, nos aspectos da globalização e do capitalismo, exige, dentre tantas outras demandas implicadas na economia e no lucro, que as relações humanas adoeçam e se convertam em novas necessidades a serem refletidas e exploradas na sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008).

Aqui, soma-se a ideia de que não só os adultos sofrem dessas doenças psíquicas, como, por exemplo, a depressão. As crianças e os adolescentes, mais do que nunca, tornaram-se o alvo desse mal, que se espalha pela sociedade fragmentando as relações e aumentando o mal-estar no mundo moderno. Os impactos da modernidade avançam sobre a vida humana trazendo consequências que agravam as potencialidades da saúde mental, psíquica e física.

Carvalho *et. al.* (2021) entendem a necessidade de um olhar atento para os problemas psíquicos que podem se iniciar na infância e prosseguir nas diferentes etapas da vida humana. Para as autoras, uma depressão não observada e tratada em seu tempo pode prejudicar o desenvolvimento das aprendizagens das crianças trazendo sérias consequências nas demais etapas da vida.

Segundo Carvalho *et al.* (2021, p. 3):

[...] a criança em estado depressivo pode não conseguir expressar oralmente seus sentimentos, mas poderá apresentar mudanças no modo de reagir ao mundo. Pode



acontecer de a criança ter dificuldade para se entender e para se expressar, fazendo então, com que seu sofrimento psíquico se agrave com o passar do tempo.

O entendimento da necessidade de poder se expressar e ser entendida, no mundo em que se socializa, a criança precisa poder dizer de suas aflições e dos seus conflitos entendendo o que a impede de se realizar. Para Carvalho *et al.* (2021), a criança precisa movimentar-se no mundo podendo comunicar seus sentimentos e suas reações a partir de suas percepções.

Segundo Carvalho *et al.* (2021), a depressão é vista como um transtorno no humor abrangendo diversos sintomas, tais como: “melancolia, tristeza, baixa autoestima, sentimento de culpa, falta de ânimo e vontade de isolamento, podendo, em casos extremos, chegar ao desejo de tirar a própria vida” (p. 4). Nesse sentido, a pessoa com depressão poderá incorrer na incapacidade de manutenção de sua própria higiene, como também a diminuição da fala, tendo a redução dos movimentos físicos, acarretando em sérias consequências quanto ao aparecimento de doenças físicas.

Em crianças, mais especificamente, Carvalho *et al.* (2021) compreendem que os transtornos depressivos começaram a ocorrer, mais intensamente, no transcorrer dos últimos anos. Mas, também entendem que, ainda entre os anos sessenta e setenta, já é percebido o aumento de casos de depressão, tanto em adultos como em crianças a partir das evidências acadêmicas.

Segundo Carvalho *et al.* (2021), torna-se possível perceber essa desregulação na criança quando essa manifesta sintomas de irritabilidade, de falta de apetite e de sono, quando ficam mais hiperativas, quando sentem dores, quando aumentam as fobias, quando aparecem as ansiedades e manifestam ausência ou falta de prazer em atividades que antes lhe eram prazerosas. Para Carvalho *et al.* (2021, p. 7),

vários fatores são levados em consideração para a manifestação de depressão em crianças, como traumas e/ou uso de químicas durante a gestação, complicações no parto, históricos de distúrbios e transtornos na família, excesso de atividades extracurriculares, a superproteção de pais, excesso de cobranças, ou mesmo negligência em relação aos cuidados afetivos, a falta de resposta e reciprocidade por parte das pessoas que são responsáveis pelo zelo das crianças quanto às suas emoções e sentimentos, entre outros.

Percebe-se que a demanda de crianças com depressão poderá proceder a partir de seus primeiros contatos de socialização, estando ainda no ventre uterino da mãe (CARVALHO *et al.*, 2021). A família tem um papel muito importante na construção dessas relações que a criança estabelece com o mundo. Quando há ausência positiva da intervenção familiar, a criança pode manifestar um descompasso em suas interações e apresentar quadros depressivos.

Quando não é percebida em sua própria casa, a criança poderá desenvolver facilmente os sintomas da depressão negatizando, assim, a sua capacidade de experimentar o mundo e de se relacionar com o outro. Nesse descompasso entre a dor e o sentimento de viver, se não houver o devido tratamento, a depressão na infância poderá se tornar um prejuízo danoso para o desenvolvimento da criança.

Carvalho *et al.* (2021) destacam duas classes na depressão infantil: a depressão unipolar e a depressão bipolar. Segundo as autoras,

a classe unipolar é marcada pelos sintomas presentes na depressão maior e na distímia: sentimento de inutilidade, desejo de morte, melancolia, sono excessivo ou ausência de sono, falta de ânimo. Já a classe bipolar está presente na depressão que possui grande variação, gerando a euforia, em que se ri e conversa muito, se tem elevada autoestima, podendo esse período durar algumas horas, alguns dias, dependendo do quadro e da causa (CARVALHO *et al.*, 2021, p. 7).

Diante desses quadros desregulados, torna-se necessário o cuidado com as formas de tratamento da saúde da criança. Carvalho *et al.* (2021) alertam para que a família entenda a importância de não ignorar os sintomas e buscar um tratamento sólido que ajude no processo de reabilitação. Nesse intento, caberá também à escola fazer as observações necessárias e dialogar com a família para que juntos possam encontrar caminhos que ajudem no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

Santos *et al.* (2021) corroboram com as autoras no entendimento quanto à apresentação do quadro depressivo em crianças. Para os autores, a oscilação de humor, os transtornos alimentares, as dificuldades de concentração e os danos no desenvolvimento das aprendizagens escolares tornam-se um grande sinal para que a família dê a devida atenção a essa criança. No ambiente escolar, como também nas interações familiares, a criança apresentará quadros de isolamento, não querendo brincar com as outras crianças, prováveis alterações no sono, demonstrará desinteresse nas atividades de lazer e, em alguns casos, apresentará sintomas físicos como dores de cabeça e na barriga.

Segundo Santos *et al.* (2021, p. 6843), “[...] Os pais precisam estar atentos aos sinais que seus filhos demonstram e intervir de acordo com a necessidade da criança”. Junto aos pais, a escola, com os seus profissionais, deverá estar atenta a todos os contextos em que a criança está inserida, sejam eles as posturas ética, estética, política e psicológica. A importância de saber desenvolver ações que ampliem a visão da criança e o seu interesse pelas interações coletivas são de suma importância para o alcance de resultados positivos.

### **Os efeitos da depressão infantil na aprendizagem escolar**

Um quadro depressivo sem os devidos cuidados, quanto aos tratamentos necessários, poderá vir a ser danoso para o desenvolvimento da cognição da criança (RIBEIRO; MACUGLIA; DUTRA, 2013). Geralmente, no início de sua vida acadêmica, a criança apresenta uma vontade muito grande em querer aprender e de estar no convívio escolar. Portanto, raras são as vezes que se encontra crianças não desejosas do ambiente de aprendizagem e do convívio da escola.

Quando esse sentimento de isolamento é percebido pelo(a) professor(a) na sala de aula, conforme Ferreira e Barbosa (2020), logo se se acendem as lamparinas de atenção ao quadro, e a família é imediatamente comunicada. A escola, como o primeiro ambiente de interação da criança, fora do núcleo

familiar, tem a responsabilidade de cultivar de forma generosa os aspectos da socialização conduzindo a criança na sua nova ambientação e ao convívio com os diferentes.

Segundo Borges e Bittar (2016), a escola poderá ser o lugar das interações positivas ou negativas da criança. No ambiente escolar, a criança demonstrará seus desejos ou a falta de estar em convivência aberta e recíproca com os demais. Nesse contexto, é possível perceber com maior eficiência os sintomas de depressão que a criança vai desenvolvendo.

Borges e Bittar (2016) entendem que a escola, ao constatar quadros de isolamento ou outros sintomas que identifiquem a depressão, precisará organizar-se junto à família para prover as melhores condições para esta criança, não esquecendo do cuidado no desenvolvimento de sua cognição. O(A) professor(a), em sala de aula, precisará estar atento aos movimentos da criança, buscando estabelecer vínculos de confiança entre ambos. O trabalho exigirá a responsabilidade do(a) professor(a) em dispor-se a uma profunda conexão com a criança que apresenta o quadro depressivo. Segundo Borges e Bittar (2016, p. 5), “[...] A criança, ao ser diagnosticada com a depressão, necessita de total apoio de todos os que convivem com ela, tanto da família quanto do professor”. Ambos precisarão, em esforço conjunto, buscar mecanismos que alcancem conjuntamente a recuperação da criança.

Guerra, Almeida e Afonso (2018) corroboram com Borges e Bittar (2016) no entendimento quanto ao compromisso da escola em identificar e promover um trabalho conjunto com os pais para que as crianças que sofrem do transtorno da depressão possam ser auxiliadas e amparadas em todas as suas necessidades. Para as autoras, “a escola tem um papel essencial na identificação e no auxílio para o encaminhamento a profissionais qualificados para o tratamento dos sintomas depressivos” (GUERRA; ALMEIDA; AFONSO, 2018, p. 81). Essa função de encaminhamentos de crianças com o quadro depressivo, para profissionais qualificados, torna-se uma exigência para o ambiente escolar devido à necessidade de não permitir que as crianças sejam afetadas cognitivamente em suas aprendizagens. Nesse sentido, a presença dos psicólogos na escola fará a diferença sendo que a sua ação de apoio à família e ao aluno que sofre do transtorno depressivo será mediada e mais qualificada.

Para Guerra, Almeida e Afonso (2018), os(as) professores(as) precisam estar atentos às necessidades reais das crianças com depressão buscando objetivar ações pedagógicas que façam o enfrentamento a tal situação. Os sintomas de cansaço, as dificuldades de concentração, as alterações de memória e a baixa motivação poderão ocasionar um rendimento inferior ao desejado. Nesse sentido, o atendimento qualificado do profissional da Psicologia e a permanente insistência e paciência do(a) professor(a) tornará o trabalho de recuperação mais leve e positivo para a criança depressiva.

Brito, Batista e Barbosa (2021) debruçam-se sobre o estudo a partir de uma revisão de literatura sobre o tema da depressão infantil e instigam o pensamento acadêmico para a questão de constatação da presença da depressão infantil antes da escola ou após a entrada na escola. Torna-se importante ter

presente que o mundo infantil é dinâmico e as leituras realizadas sobre a criança precisam ser precisas e diagnósticas.

Para Brito, Batista e Barbosa (2021), o estudo revelou que as crianças que se encontram depressivas reverberam em um baixo rendimento escolar, diferentemente das crianças que não apresentam os sintomas de depressão. Nesse sentido, constata-se, neste estudo, uma grande dificuldade de se chegar a um diagnóstico que possibilite uma maior aplicabilidade de ações que conduzam à recuperação do quadro. Para os autores, falta “profissionais no reconhecimento de ambos os problemas (depressão e dificuldade de aprendizagem) e a obrigação de um olhar cuidadoso e crítico diante da criança” (BRITO; BATISTA; BARBOSA, 2021, p. 6). A presença de um profissional qualificado para fazer o diagnóstico da criança, enquanto se encontra em suas rotinas escolares, seria o diferencial para um posterior tratamento com ações que potencializem as aprendizagens e amenize o quadro depressivo.

A escola, juntamente com a família, precisará antepor-se ao problema e identificar a necessidade de acompanhamento técnico de profissionais que possam colaborar para a diminuição dos quadros de depressão em crianças. Os efeitos da depressão, durante o processo das aprendizagens infantis, precisam ser sanados, pois, à medida dos avanços do transtorno, poderá torna-se bem mais difícil o desenvolvimento das cognições.

### **As ações da psicologia escolar frente as realidades escolares**

À medida que os anos avançam, percebe-se o crescimento de casos de crianças que, em seus primeiros anos de vida escolar, apresentam dificuldades no ambiente de suas aprendizagens. Várias são as queixas e os relatos de profissionais da Educação a respeito do baixo rendimento escolar de alunos que estão iniciando sua caminhada acadêmica.

É importante entender a percepção de que os profissionais da educação identificam o baixo rendimento escolar da criança com depressão. Nas atividades cotidianas, quando esta não corresponde aos diferentes estímulos realizados para que aconteçam as aprendizagens, o(a) professor(a) volta o seu olhar não somente para o pedagógico, mas para a criança como um todo. Com esse entendimento, torna-se necessário acionar mecanismos que promovam a adequada formação no tempo esperado a partir das propostas curriculares, mas também atendendo a individualidade de cada criança. Nota-se, nos discursos, que é importante ter em mente que cada criança tem o seu tempo para aprender. Algumas são mais dinâmicas em seus processos e outras precisam de um tempo maior. Sim, esse entendimento acompanha a vida profissional dos professores, mas o que preocupa é quando o tempo da criança permanece bloqueado por traumas e conflitos interiores do qual nem ela tem a percepção.

Nesse sentido, emergem as preocupações e surgem as interrogações de como fazer e o que fazer em casos em que a criança não consegue “sair de sua bolha”. O olhar distanciado, o isolamento, a falta

de reação diante dos desafios lançados pelo(a) professor(a) em sala de aula, a inibição e a incapacidade de demonstrar afetos determinam a passividade da criança diante do fato de aprender (PATTO, 2022).

Disso, resulta o fracasso escolar (PATTO, 2022) que, por vezes, não significa que a criança não tenha condições de apreender o conhecimento, mas implica nas barreiras que o próprio contexto social e cultural impõe sobre ela. Alguns teóricos questionam a forma como as ações pedagógicas chegam até a criança. O tempo de rever e reinventar-se está na dinâmica do planejamento do(a) professor(a). Porém, o impasse, na maioria das vezes, implica nas reações passivas do aluno frente à proposta pedagógica que lhe é apresentada.

Quando percebidas essas reações em sala de aula, o(a) professor(a) comunica à escola que buscará entrar em contato com a família na tentativa de entender como é a rotina da criança em casa e quais são as suas relações com os desafios apresentados pelos pais/responsáveis. Em alguns casos de convocações da família para uma conversa sobre a criança, no ambiente escolar, permanece o silenciamento e a total ausência. Em outros casos, os pais/responsáveis se apresentam e testemunham, por seus discursos, o desconforto em conversar sobre o assunto. Uma tentativa de não expor a real situação em que a criança vive ou mesmo o não reconhecimento das posturas passivas da criança. Entendem como ‘natural’ a criança reagir dessa forma porque em casa apresentam a mesma conduta.

Diante desses casos, a escola necessita do amparo familiar e precisa percorrer caminhos junto aos familiares, buscando integrar a criança em seus momentos de aprendizagem. Entendendo que o seu papel está na promoção de aprendizagens significativas e que promovam a qualificação do aluno, a escola precisa estar amparada por outros profissionais que possam colaborar tecnicamente quando surgem essas inferências que impossibilitam a adequada aprendizagem do aluno.

De fato, essas inferências se tornam queixas que demandam o gerenciamento do profissional quanto aos aspectos da aprendizagem da criança. Na queixa está o estabelecimento de questionamentos, mas, ainda mais, a busca de ações que possam possibilitar o encontro com novas práticas metodológicas para o enfrentamento da depressão e o preenchimento das lacunas na aprendizagem.

Para Cavalcante e Aquino (2013, p. 354), “[...] Os estudos e explicações referentes à temática da queixa escolar vêm ocupando um espaço de destaque tanto na Psicologia quanto na Educação, em especial no âmbito da Psicologia Escolar/Educacional”. Tanto a Educação quanto a Psicologia percebem as lacunas que se fixam no interior da escola e entendem a necessidade de alinhar suas ações para que as demandas possam ser solucionadas.

Diante da problemática da depressão que se testifica a partir do exposto, percebe-se que a escola necessita da presença de profissionais da Psicologia que colaborem com os casos identificados. Cavalcante e Aquino (2013) entendem a problemática e se permitem à compreensão de que os métodos anteriores da ação psicológica escolar (avaliação e diagnóstico) precisam avançar para a perspectiva de intervenções. É fundamental que não permaneçam apenas na avaliação do indivíduo frente à

problemática das aprendizagens, mas apresentem caminhos problematizadores, contribuindo para a efetiva ação do professor em sala de aula. Cavalcante e Aquino (2013) entendem que é preciso "conhecer as ações implementadas por psicólogos escolares diante das dificuldades no processo de escolarização e desenvolver alternativas de intervenção que possam ser utilizadas pelos referidos profissionais no contexto educativo" (CAVALCANTE; AQUINO, 2013, p. 354).

A significativa presença dos psicólogos escolares permitirá que esses possam intervir no centro das necessidades do aluno. Poder comunicar-se com ele, tendo em vista as suas questões socioculturais, ajudará no enfrentamento das queixas escolares que são aferidas ao aluno. O trabalho precisará estar alinhado com o tripé: escola, família e aluno, focando nas necessidades reais e buscando caminhos sólidos de superação das dificuldades.

Pasqualini, Souza e Lima (2013) corroboram com Cavalcante e Aquino (2013) na compreensão de que os psicólogos escolares precisam estar alinhados ao desejo de somar forças com o ambiente escolar e provocar as mudanças necessárias a partir de propostas problematizadoras e inovadoras. Para as autoras, torna-se necessário que o trabalho dos psicólogos escolares não se permita apenas a uma intervenção subjetivista e o objetivista dos alunos, mas alcance os propósitos de leitura histórica, social e política que são determinantes para o indivíduo em sua vida escolar.

Pasqualini, Souza e Lima (2013) entendem que todo o processo de qualificação do trabalho da Psicologia Escolar e Educacional depende das práticas de políticas públicas que possam somar para a democratização da escola. Logo, não será possível um trabalho efetivo dos psicólogos escolares que dialogue com as ações de escolarização se a escola não possuir políticas públicas que estejam em consonância com o compromisso democrático. A atuação do psicólogo escolar precisa estar aberta ao diálogo e às tomadas de decisões que exigem a reflexão do cotidiano escolar.

Dentre as ações dos psicólogos escolares, estão as questões como indisciplina, a evasão escolar, o fracasso escolar, a repetência, a violência, as carências socioeconômicas, a desestruturação familiar e a marginalização. Em muitas situações, os alunos apresentam quadros depressivos implicados nessas situações que socialmente os coloca aquém de uma sociedade civilizada. Para Pasqualini, Souza e Lima (2013), é nessa realidade que está o propósito de intervenção dos psicólogos escolares. Alavancar os alunos que passam por situações de fragilidade social que os coloca em várias situações no quadro de depressão.

Segundo Pasqualini, Souza e Lima (2013, p. 20),

nota-se que a defesa da presença da Psicologia na Educação apóia-se aparentemente no argumento de que tais profissionais são formados para atuar auxiliando individualmente participantes do ambiente escolar cujos problemas de ordem individual, biológica e/ou familiar estejam dificultando o processo de aprendizagem, sejam esses participantes alunos ou professores, com predomínio do foco nos primeiros.

Esse entendimento foge à real necessidade da escola quando se prevê que a atuação do psicólogo faz a intervenção imediata nas diferentes situações do cotidiano escolar. Sendo assim, Pasqualini, Souza e Lima (2013) fazem a crítica ao atendimento psicológico exclusivamente para os alunos. No entendimento das autoras, “as origens dos problemas enfrentados pelas escolas da rede pública acabam, então, por serem depositadas em apenas um protagonista do processo de escolarização – o aluno” (PASQUALINI; SOUZA; LIMA, 2013, p. 20). Para as autoras, quando isso acontece, percebe-se um ambiente escolar fragmentado e com dificuldades de refletir a diversidade da escola.

Conforme Pasqualini, Souza e Lima (2013), torna-se necessário o cuidado da demanda escolar no que se refere à presença de psicólogos especializados na área da Educação. Para as autoras, torna-se um risco colocar a demanda escolar nas mãos de psicólogos da saúde. Esse procedimento poderá incidir em um atendimento que não corresponda às necessidades dos alunos frente às suas dificuldades mais essenciais.

Segundo Pasqualini, Souza e Lima (2013, p. 22),

o psicólogo é visto como aquele profissional que irá auxiliar na melhoria da qualidade do ensino oferecido pela rede pública, o que em linhas gerais coincide com o compromisso político com a transformação da realidade educacional e social assumido pela Psicologia Escolar e Educacional crítica.

O ambiente de atuação do psicólogo escolar está no posicionamento crítico, o que refletirá na escola o uso de mecanismos que conduzam o aluno à aceitação de sua problemática, mas que também o desafiará a enfrentá-la com coragem. Essa compreensão da totalidade do sujeito permitirá que o psicólogo escolar não fragmente as suas ações, mas promova a integralidade aluno-escola-família.

Prudêncio *et al.* (2015) corroboram com Pasqualini, Souza e Lima (2013), quando defendem a ideia da presença do psicólogo escolar enquanto aquele que atua na dimensão crítica, não se detendo apenas nos modelos médicos do clínico-terapêutico. Para os autores, há necessidade de vincular as ações do psicólogo escolar junto à escola regular, sem desviar o entendimento das fragilidades quanto à questão das aprendizagens. Tudo isso em razão do contexto socioeconômico, histórico e cultural do aluno que precisará estar presente em todo o seu contexto de aprendente.

Segundo Prudêncio *et al.* (2015), torna-se importantíssimo o entendimento de que a “atuação profissional é ancorado em uma perspectiva aqui caracterizada como ético-política de educação, voltada à ampliação da aprendizagem e ao desenvolvimento dos educandos e ao processo de humanização” (PRUDÊNCIO *et al.*, 2015, p. 144). Essa ação simboliza a abertura para a reflexão e as tomadas de decisões que a escola e os profissionais da psicologia escolar precisarão permanentemente realizar. A referência de atuação dos profissionais da Educação, como também os profissionais da saúde, está alicerçada sob a condição do exercício de manutenção dos Direitos Humanos.

Cabe ressaltar que toda a perspectiva de trabalho, envolvendo a escola, a família e o aluno, não pode deixar de promover a ação integral, ou seja, torna-se necessário o cuidado com a prevenção, com a promoção e com a atenção. Todo o processo de intervenção precisará ser gerido pela dimensão da reflexão crítica, abstendo-se da “patologização e da medicalização dos fenômenos escolares” (PRUDÊNCIO *et al.*, 2015, p. 145). Toda a logística de atuação do psicólogo escolar precisará direcionar-se à prevenção e a promoção da saúde do aluno.

Segundo Prudêncio *et al.* (2015), o propósito das ações pedagógicas precisará imprimir a força da prática humanizante e humanizadora no aluno. Nesse mesmo sentido, todo o trabalho desenvolvido pelo psicólogo escolar cultivará as ações que imprimam a força do amadurecimento humano priorizando as ações que humanizem. A escola deve reverberar no aluno o desejo de praticar ações que priorizem a visibilidade da promoção dos Direitos Humanos. Esse será o contexto do trabalho em parceria escola-psicólogo escolar.

Já Uchôa *et al.* (2021) defendem o mesmo posicionamento da atividade psicológica escolar crítica, e imprimem a necessidade de implantar no ambiente escolar ações que reverberem nos processos de humanização dos alunos. Para as autoras, torna-se necessário abandonar as práticas incubadas no modelo médico adaptacionistas, normatizantes e naturalizantes.

A prática educativa precisa ser permeada de pela subjetividade e pelas relações interpessoais que se constituem no espaço escolar. Para Uchôa *et al.* (2021), toda a atividade do psicólogo escolar é atravessada pelo propósito do ensino e da aprendizagem que se confirmam na prática dos profissionais da Educação que precisam refletir suas ações educativas. Nesse sentido, “a Psicologia se apresenta como um dos fundamentos-base da educação e da prática pedagógica” (UCHÔA *et al.*, 2021, p. 127).

Nos avanços, quanto à perspectiva do ensino e das aprendizagens, a Psicologia Escolar pretende contribuir com os(as) professores(as) construindo intervenções que colaborem com a coletividade, com as práticas relacionais e com a inclusão. Conforme Uchôa *et al.* (2021), sendo o(a) professor(a) sujeito da ação de mediação do ensino e das relações dentro dos muros da escola, por vezes, a tarefa se torna desgastante, levando o profissional ao adoecimento mental, físico e profissional. Nesse sentido, o psicólogo escolar atuará na “identificação de sinais que apontem para problemas relacionados à saúde mental dos professores e ao atendimento das necessidades e dificuldades dos demais sujeitos que formam a população escolar” (UCHÔA *et al.*, p. 128).

Dentre as situações que se apresentam em diferentes espaços escolares, a presença do psicólogo escolar reverterá em ações que protagonizem a saúde mental de todos os envolvidos com a escola. A recíproca humanitária e o desejo de formar cidadãos críticos perpassa o cuidado e a atenção que se deve dispensar a todos aqueles que formam a comunidade escolar. Sendo assim, unir forças para prover escolas acolhedoras e saudáveis requer a disposição para democratizar os espaços e refletir ações pedagógicas que contemplem as diversas manifestações que ali acontecem.



Quando diagnosticados, os casos de depressão, ou mesmo atos que corroborem para o não protagonismo dos sujeitos aprendentes, torna-se dever da escola buscar forças que se somem às iniciativas de mudança e à transformação dos espaços. É preciso perseverar no sentimento de abraçar ações educativas que afaguem e tornem mais humanas as aprendizagens escolares. Prever a presença de psicólogos escolares consiste no cuidado e na atenção dispensadas aos alunos e aos profissionais que ali se encontram.

### **Considerações Finais**

Este estudo apresentou a temática sobre a Psicologia Escolar e a Educação, tendo como recorte do tema desenvolvido: a importância dos profissionais de psicologia nas escolas, tendo como percurso uma análise frente aos problemas psicológicos e educacionais dos estudantes na etapa da infância. Seu objetivo deteve-se na busca por compreender a ação do psicólogo escolar no enfrentamento dos problemas da depressão infantil.

Buscando entender como se processa a depressão na infância, a atuação dos psicólogos escolares e os efeitos que esta pode causar no início e durante as diversas etapas da vida acadêmica, o pesquisador debruçou-se no construto de leitura e escolha da bibliografia para apresentar os resultados. Nesse sentido, os questionamentos que permearam a leitura e posterior escrita foram: De que modo a psicologia nas escolas pode auxiliar as crianças que estão com depressão? Como a depressão infantil pode ser percebida no cotidiano da escola e da sala de aula? Qual é o papel dos psicólogos na escola?

Das hipóteses que se apresentaram a partir da breve investigação realizada por meio de revisão bibliográfica, foi possível perceber que a depressão é um transtorno psíquico que se manifesta nas diferentes idades dos sujeitos. A depressão infantil torna-se uma pesquisa acadêmica a partir das décadas de 60 e 70 quando os pesquisadores começam as sondagens sobre a doença. Gradativamente, percebe-se o aumento de crianças com depressão. Nos últimos anos, devido aos processos de globalização e do capitalismo, o foco da doença se espelhou mais acentuadamente nas crianças trazendo severas consequências para a sua socialização consigo mesma e com o mundo à sua volta.

No ambiente escolar, torna-se cada vez mais perceptível a presença de crianças com depressão. Disso, entende-se a necessidade de qualificar as ações de combate à depressão, começando pelo diálogo aberto com as famílias. Percebe-se também a necessidade de qualificação dos(as) professores(as) para que possam dar assistência necessária aos alunos que passam pelo transtorno. Nesse sentido, entende-se escola e família trabalhando juntas para positivar os resultados da aprendizagem dos alunos com depressão.

Para a redução dos efeitos da depressão nos espaços escolares, torna-se urgente a presença de profissionais da saúde, ou seja, Psicólogos escolares que busquem dinamizar os diálogos escola-família-

aluno, potencializando um ambiente mais propenso às aprendizagens. Nesse intento, a presença desses profissionais precisará promover ações para a coletividade, a promoção e a inclusão de todos os envolvidos no ambiente escolar.

A busca por ações que promovam a prevenção, quanto aos casos de depressão infantil, é um dos pilares do trabalho desenvolvido pelo psicólogo escolar. Na sua maioria, as queixas dos(as) professores (as) demandam a passividade dos alunos quanto aos desafios apresentados em sala de aula. O ensino requer o protagonismo dos alunos, ensejando que o(a) professor(a) se torne cada vez mais um motivador/mediador das práticas acadêmicas, concentrando o seu planejamento pedagógico em ações que ativem o potencial inovador e criador dos seus alunos.

Assim, caberá o acompanhamento permanente dos psicólogos escolares com aqueles alunos que se encontram imersos na depressão. Junto à escola e aos profissionais da educação, o psicólogo escolar precisará investigar mecanismos que colaborem nas práticas pedagógicas, provendo a esse aluno condições de aprendizagem.

O trabalho efetivo junto à família destes alunos consistirá no levantamento diagnóstico, provendo rotinas cotidianas que provoquem reações positivas nos alunos diagnosticados com depressão. A família se torna, potencialmente, um braço para a escola na promoção de ações que retirem os alunos do isolamento, da passividade e da inércia quanto às suas habilidades e competências escolares.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORGES, Karine Pereira; BITTAR, Karina dos Reis. Depressão infantil e seus reflexos no contexto escolar. **CICED** - Anais do Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa A relação teoria e prática no cotidiano escolar Universidade Estadual de Goiás. 2016. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/8767>. Acessado em: 01 dez. 2022.

BRITO, I. M.; BATISTA, M.T.F.; BARBOSA, A.A.G. Impactos da depressão infantil na aprendizagem: uma revisão da literatura. **VII CONEDU** - Conedu em Casa. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80224>. Acessado em: 02 dez. 2022.

CAVALCANTE, Lorena de Almeida; AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Ações de psicólogos escolares de João Pessoa sobre queixas escolares. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 18, n. 2, p. 353-362 abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287128992016>. Acessado em: 03 dez. 2022.

CARVALHO, T. C. F.; TEIXEIRA, Z. D.; VILELA, P. R.; SANTOS, J.P. A depressão infantil e o pedagogo em cena. **Research, Society and Development**. v. 10, n. 17, e04101724633, 2021. Disponível em: <https://docplayer.com.br/224905800-A-depressao-infantil-e-o-pedagogo-em-cena.html>. Acessado em: 01dez. 2022.

ELIAS, Gizele G. Parreira; VERAS, Mariana Oliveira. Psicologia Escolar: Abrindo Espaço para a Fala, a Escuta e o Desenvolvimento Interpessoal. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XIV(2): 182-189, jul-dez, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n2/v14n2a05.pdf>. Acessado em: 01 dez. 2022.

FEITOSA, Michelle Pereira; BOHRY, Simone; MACHADO, Eleuza Rodrigues. Depressão: família, e seu papel no tratamento do paciente. **Encontro: Revista de Psicologia**. Vol.14, N.21, São Paulo: 2011. Disponível em: <https://seer.pgsskroton.com/renc/article/view/2499>. Acessado em: 03 dez. 2022.

FERREIRA, Luciana Haddad; BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Praxis educativa**, vol. 15, e2015483, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/894/89462860065/html/>. Acessado em: 02 dez. 2022.

FERREIRA, Rayanne Cordeiro; GONÇALVES, Charlisson Mendes; MENDES, Patrícia Guedes. Depressão do transtorno ao sintoma. **Psicologia.PT** – O Portal dos Psicólogos. 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0828.pdf>. Acessado em: 03 dez. 2022.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUERRA, M. G. G. V.; ALMEIDA, F.M.M.; AFONSO, D.B. Depressão infantil: ensino-aprendizagem a partir de uma experiência escolar no Espírito Santo. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**. v.23, n.1, p. 77-97, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/6508>. Acessado em: 02 dez. 2022.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A psicologia e a construção da escola democrática. **Psicologia Escolar e Educacional**. SP. V. 26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/YVzVvhFCygtwmp4cFnpXYRP/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 05 dez. de 2022.

MORENO, Soraya Ivon Ramirez; LOURETO, Gleidson Diego Lopes. A Psicologia Escolar nas escolas de Boa Vista (RR): concepções dos professores. **Psicologia Escolar e Educacional**. SP. Volume 22, Número 3, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/YPQY83cyzQt5zrffGxRK7kD/?lang=pt>. Acessado em: 05 dez. 2022.

PASQUALINI, Mariana Guimarães; SOUZA, Mariane Proença Rebello de; LIMA, Cárita Prtilho de. Atuação do psicólogo escolar na perspectiva de proposições legislativas. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. SP. Volume 17, Número 1, Janeiro/Junho de 2013. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002449316>. Acessado em: 01 dez. 2022.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e Rebeldia**. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/932/844/3069>. Acessado em: 04 ago. 2023.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. Trad. Álvaro Cabral. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes,

2002, p.123.

PRUDÊNCIO, Luísa Evangelista Vieira; GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro; CORD, Denise. Expectativas de educadores sobre a atuação do psicólogo escolar: relato de pesquisa. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. SP. Volume 19, Número 1, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/ZkMD3T9PWgdPpdxJW8hmYxQ/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 02 dez.2022.

RIBEIRO. Maiara Viana; MACUGLIA. Greici Conceição Rössler; DUTRA. Morgani Moreira. Terapia cognitivo-comportamental na depressão infantil: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872013000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872013000200003). Acessado em: 02 dez. 2022.

RODRIGUES, Maria Josefina Sote Fuentes. O diagnóstico de depressão. **Psicologia USP**, 11(1), 155–187. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000100010>. Acessado em: 01 dez. 2022.

RUFINO, Sueli; LEITE, Ricardo Silveira; FRESCHI, Larissa; KITIZO, VENTURELLI, Vanessa Kitizo; OLIVEIRA, Elizabeth Siqueira de Oliveira; FILHO, Diogo Antonio Morato Mastrorocco. Aspectos gerais, sintomas e diagnóstico da depressão. **Revista Saúde em Foco - Edição nº 10 – PI**: 2018. Disponível em: [https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/11/095\\_ASPECTOS-GERAIS-SINTOMAS-E-DIAGN%C3%93STICO-DA-DEPRESS%C3%83O.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/11/095_ASPECTOS-GERAIS-SINTOMAS-E-DIAGN%C3%93STICO-DA-DEPRESS%C3%83O.pdf) . Acessado em: 03 dez. 2022.

SANTOS, J.M.; SOUZA, J.F.; RIBEIRO, C.L.; ESMERALDO, J.D.; NASCIMENTO, S.M.M.; NASCIMENTO, P.A.C. Fatores de risco para a depressão infantil. **Saúde coletiva**, (11) N.67, 2021. Disponível em: <https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1733>. Acessado em: 01 dez. 2022.

UCHÔA, Gabriele de Almeida; COSTA, Amanda Souza; SILVA, Ana Beatriz Pereira da; SILVA, Anne Paula Santos Bandeira da; ROSA, Daniele da Costa Cunha. (2021). Intervenção da psicologia escolar para a saúde mental do professor. **Brazilian Journal of Development**, 7(2), 20400–20420. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-605>. 2021.

VERONESE, Lilian Aracy Affonso; MACHADO, Adriana Marcondes. O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. V. 26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/4nBBYV3Y7z5QGyYVHj5Q3fQ/>. Acessado em: 01 dez. 2022.

*Recebido em: 14 de abril de 2023.  
Aprovado em: 06 de agosto de 2023.*